

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Diário do ComércioClass.: Bororo 165Data: 26.03.93

Pg.: _____

Bororos libertam médico, mas protestam

Eduardo Gomes

RONDONÓPOLIS (Su-
cursal) - O médico da Funai
Esmeraldo Filho, 46, lotado nes-
ta cidade, foi libertado ontem
pelo administrador regional da-
quele órgão, Orlando Graça
Leite. Esmeraldo estava sendo
mantido como refém pelo cacique
boróro Benedito
Tuaguebon, da tribo que habita
a Reserva Perigara, município
de Barão de Melgaço, Alto Pan-
tanal.

Esmeraldo foi tomado
como refém pelo cacique
Tuaguebon quando entrou na
área da Reserva, por volta de
13.30 horas da terça-feira, 23. O
médico desembarcou na pista
da Fazenda Borileo, que fica na
margem oposta do rio Cuiabá,
na divisa da Reserva Perigara.
Um grupo de índio o recebeu e
ao piloto Acácio Falcão, o "Ca-
marão", comandante do avião
fretado Corisco II de prefixo PP-
RKW. Quando o grupo chegou
à aldeia, o cacique rendeu o
médico sob a justificativa de
que somente assim poderia cha-
mar a atenção das autoridades
para os problemas enfrentados
pelos boróros que ali vivem.
Acácio foi liberado e retornou à
Rondonópolis com uma carta
de Esmeraldo para Orlando. Jun-
to com o piloto viajou também
o índio Aluizio Doguxered, 31,
gravemente ferido na virilha em
consequência de uma queda de

cavalo, no dia 09 deste mês.

Orlando Graça não reve-
lou o teor da carta, mas D. Maria
Eugênia, mulher de Esmeraldo,
disse que seu marido pedia a
Orlando que não o abandonasse
e que providenciasse um rápido
atendimento para as exigências
do cacique boróro.

Ontem, às 9:40 horas,
Orlando voou com Acácio para
a Reserva Perigara, e depois de
negociar com o cacique, liber-
tou o médico. Esmeraldo é fun-
cionário da Funai há sete anos e
tem bom relacionamento com
os boróros. Ele não chegou a ser
maltratado, mas revelou que fi-
cou muito apreensivo durante o
período em que esteve "sob cus-
tódia dos índios", porque se via
cercado por boróros por todos
os lados.

Às 13.30 horas o avião con-
duzindo Esmeraldo aterrissou
no aeroporto Salmen Hanze. O
médico encontrou-se com fa-
miliares e em seguida dirigiu-se
à sede da Funai, onde permane-
ceu até o final do expediente.

AS REIVINDICAÇÕES DOS BOROROS

A Reserva Perigara tem
10.700 hectares onde vivem 86
pessoas, das quais 23 são crian-
ças em idade escolar. Segundo
Aluizio Deguxereo, há sete anos,
a Funai não consegue contratar
professores nem enfermeiros
para trabalhar na aldeia. Recla-
ma também o índio que falta

medicamentos e que vacinas não
são aplicadas às crianças bororo
que não há berços, que o forne-
cimento de óleo diesel é limita-
do, a exemplo de roupas. Aluizio
lembrou ainda que a visita de
médicos à aldeia é muito rara.
"Dentista então não vai mes-
mo", comentou. A presença da
Funai na área, segundo o índio,
limita-se a um rádio transmis-
sor-receptor e ao chefe do Posto
Indígena, Sebastião Pio, um vi-
úvo que mora sozinho na casa-
sede do posto.

Esmeraldo Ribeiro foi
mantido em cativeiro até que
Orlando Graça fosse à Reserva
assumir compromisso em nome
da Funai, de conseguir enfer-
meiro e professor para a aldeia.
Isso foi feito ontem e Orlando
garantiu ao cacique Benedito
Tuaguebon que a prefeitura de
Barão de Melgaço nomeará uma
professora para a escola
desativada da reserva. Junto com
o administrador veio para a ci-
dade o índio Paulinho, que tem
conhecimentos de primeiros so-
corros. Paulinho permanecerá
na chácara ambulatorial da
Funai, em Rondonópolis, por
um mês, para ser treinado como
agente de saúde e deverá traba-
lhar no posto de saúde de
Tuagebon, como contratado
pelo órgão.

Aluizio considerou que as
reivindicações não estão sendo
atendidas. Disse que a revolta
de seu povo permanece e espera

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Comércio Class.: Bororo 165

Data: 26.03.93 Pg.: _____

providências antes que novas medidas sejam tomadas.

A POSIÇÃO DE BRASÍLIA

A coordenadora de Direitos Indigenistas da Funai, Carmen Figueiredo, informou ontem de Brasília, que o presidente da Funai, Sidney Possuelo, encontrava-se no Rio Grande do Sul, mas que já havia sido informado da situação.

Carmen Figueiredo disse que o ex-presidente Fernando Collor baixou os decretos 22, 23, 24, 25, 26 e 27, em 04 de fevereiro de 1991, pelos quais tira da competência da Funai e transfere para Ministérios da Saúde e Educação, o atendimento nessas áreas aos povos indígenas.

O Decreto 23, que dispõe sobre as condições de prestação de assistência à saúde das populações indígenas, no Capítulo VI, que trata da assistência médica integral, diz em seu Artigo 5º § 1º (em linguagem atualizada. Ele foi redigido antes da criação da Fundação Nacional de Saúde - FNS) que a FNS atuará de forma articulada com a Funai mas que será responsável pela coordenação de projetos de saúde, tanto em sua elaboração quanto execução. O Decreto nº 26, que dispõe sobre a Educação Indígena no Brasil, diz em seu Artigo 1º que fica atribuída ao Ministério da Educação, a competência para coordenar as ações referentes à Edu-

cação Indígena, em todos os níveis e modalidades de ensino, ouvida a Funai.

Esses decretos, segundo Carmen Figueiredo, nunca foram observados, e o pessoal dessas áreas, dos quadros da Funai, deveria ter sido transferido para os Ministérios da Saúde e Educação, mas ainda não o foi.

Sem recursos para investir em saúde e educação, a ação da

Funai foi se limitando, e encontra-se hoje, segundo Carmen, em estado de extrema dificuldade.

Mas as reivindicações dos bororos não estão ligadas apenas aos dois setores. Eles querem mais presença da Funai em outros campos. Aluizio considera muito ruim o quadro atual. "Não tem assistência de nada", protestou.

Índio não é atendido

Quando a Funai tinha recursos específicos para bancar a medicina privada para os povos indígenas, a situação era bem diferente do que hoje, diz Aluizio Doguxereo.

Desde o dia 9 que Aluizio está sentindo fortes dores na virilha, em consequência da queda que levou de um cavalo quando campeava. O índio chegou à cidade na tarde de terça-feira. Ontem pela manhã foi atendido no Posto de Atendimento Médico - PAM do Inamps, pelo traumo-ortopedista Luiz Yamauchi. O médico por sua vez determinou que ele fosse examinado por um clínico-geral, hoje.

Sem dinheiro e desassistido, Aluizio Doguxereo não tinha como se locomover do PAM à Funai. Deixou o consultório de Yamauchi por volta de 7h30. Às 13 horas foi de carona com um jornalista até Vila Aurora, na sede da Funai. Hoje uma enfermeira do órgão tentará conseguir uma guia junto ao

Sindicato Rural para Aluizio ser atendido.

"Índio não gosta de fila. Não tem costume de vocês. Ou atende logo ou deixa a gente morrer em paz", desabafou triste Aluizio Doguxereo enquanto aguardava um caminhão que o levaria junto com outros bororos para a chácara ambulatorial.

O primeiro passo foi dado pelo povo bororo de Perigara. A atenção da sociedade e das autoridades foi despertada para a situação em que se encontra aquela reserva. Benedito ou Dito Tuaguebon é tido como homem inteligente e valente. Muitos bororos que se encontravam ontem na Funai em Rondonópolis disseram que o próximo passo do cacique pode ocorrer a qualquer momento, que ele tem razão e apoio da comunidade indígena brasileira. Ou a Funai revê sua posição, ou se prepara para a próxima ação de Tuaguebon.